

## ENTRE LINHAS, TESOURAS E TECIDOS: A TESSITURA DA VIDA

Licia Maria Andrade de Carvalho Magalhães<sup>1</sup>

*Resumo:* Este artigo apresenta os processos de letramentos da Sra. Margarida de Andrade Carvalho, na costura de roupas. Parto da questão: como podemos conceituar letramento a partir das aprendizagens desta mulher? Para responder através do objetivo geral: conceituar letramento fora dos muros da escola e os objetivos específicos: conhecer suas estratégias de sobrevivência; discutir marcadores de gênero e classe; analisar questões de letramento. A metodologia será a coleta da história oral através de entrevista semiestruturada, análise e registro das memórias. Autoras e autores como Ângela Kleiman, Áurea Pereira, Ana Lúcia Souza, Magda Soares, Roxane Rojo, bell hooks, Giorgio Agamben, Michel Foucault, Brian Street, Flavia Biroli e Luis Miguel e outros dão o suporte teórico. O resultado mostra o resgate da história de vida de uma mulher com mais de 80 anos, seus letramentos e também uma discussão envolvendo relações de gênero.

*Palavras-Chave:* Letramento. Narrativa Oral. Gênero.

## BETWEEN THE LINES, SCISSORS AND FABRICS: THE LIFE WEAVING

*Abstract:* This article presents the literacy processes of Mrs. Margarida de Andrade Carvalho, in the sewing of clothes. I start from the question: how can we con-

---

<sup>1</sup> Mestranda em Crítica Cultural (UNEB - Campus II/ Alagoinhas-BA). Professora das redes estadual e municipal de Camaçari. Experiência e desenvolvimento de projetos nas áreas de leitura e produção de textos. Pesquisadora das questões de gênero, sexualidades e juventude empreendedora. Endereço eletrônico: liciamaria67@gmail.com.

ceptualize literacy based on this woman's learning? To answer through the general objective: to conceptualize literacy outside the school walls and the specific objectives: to know its survival strategies; discuss gender and class markers; analyze literacy issues. The methodology will be the collection of oral history through semi-structured interviews, analysis and recording of memories. Authors such as Ângela Kleiman, Áurea Pereira, Ana Lúcia Souza, Magda Soares, Roxane Rojo, bell hooks, Giorgio Agamben, Michel Foucault, Brian Street, Flavia Biroli and Luis Miguel and others provide theoretical support. The result shows the rescue of the life story of a woman over 80 years old, her literacies and also a discussion involving gender relations.

*Keywords:* Literacy. Oral Narrative. Gender.

## Introdução

Este artigo apresenta os processos de letramentos desenvolvidos pela Sra. Margarida de Andrade Carvalho, na costura de roupas. A questão de partida é como podemos conceituar letramento a partir das aprendizagens desta mulher? Para responder à questão o objetivo geral é conceituar letramento fora dos muros da escola e os objetivos específicos são: conhecer suas estratégias de sobrevivência; discutir marcadores de gênero e classe; analisar questões de letramento. A metodologia será a escuta e coleta da história oral através de uma entrevista semiestruturada, análise e registro das memórias. O referencial teórico foi construído a partir da leitura de autoras e autores como Ângela Kleiman (2005), Áurea Pereira (2013, 2016, 2019), Ana Lúcia Souza (2011), Magda Soares (2009), Roxane Rojo (2019), bell hooks (2018), Giorgio Agamben (2017), Michel Foucault (2014), Brian Street (2014), Flavia Biroli e Luis Miguel (2019) e outras leituras que foram agregadas no decorrer da produção. Como resultado

temos o resgate da história de vida de uma mulher com mais de 80 anos, seus letramentos e também uma discussão envolvendo relações de gênero e patriarcado.

A proposta é discutir o conceito de letramento a partir da história de vida de Margarida de Andrade Carvalho, pois ainda muito jovem aprendeu a costurar pela curiosidade e pela necessidade premente, conseqüentemente, qual diferença este aprendizado fez na sua vida e de sua família. Também discutimos questões relacionadas a gênero, a partir do seu contexto familiar: a família a qual nasceu e a família criada com o casamento.

A produção deste artigo se dá a partir da escuta e registro da narrativa da própria D. Margarida, a qual está com 86 anos, e das minhas memórias como filha sobre o seu processo de aprendizagem e domínio do ofício de costureira. Para isto, foram entabulados diálogos com a finalidade de analisar a narrativa apresentada a partir do aporte teórico selecionado previamente e com outros, os quais foram necessários buscar para sustentar a argumentação das análises dos dados apresentados pela entrevistada.

A importância de um registro como este, concorre para contribuir com os estudos e discussões a respeito de letramento, narrativas orais, registro da memória, bem como e papel da mulher em diferentes épocas e lugares. A história da senhora já mencionada é ponte para relacionarmos com os conceitos e buscarmos um entendimento acerca do assunto.

O artigo está organizado da seguinte forma, após a *introdução: o contexto familiar* — onde aparecem os dados da formação familiar da qual nasceu Margarida e o pensamento que guiou esta família, como o patriarcado, o machismo e as relações cheias de tabu em relação à sexo e sexualidade; *nasce uma nova família* — parte que conta sobre o casamento, nascimento dos filhos, o cultivo do machismo e as novas

aprendizagens; *letramento — afinal é escolar ou conhecimento de mundo?* — diálogos com as teorias a partir de como a entrevistada aprendeu e desenvolveu estratégias para se firmar na profissão de costureira; *entre tecidos e novas conquistas* — a constituição da identidade da mulher letrada e trabalhadora; *metodologia aplicada* — como o trabalho foi desenvolvido para resultar na produção deste artigo; *quem foi a jovem, a adulta e é a idosa — análise* — abordagem acerca das questões que envolvem as discussões sobre gênero, pois para além da discussão sobre letramento, foi pertinente discutir gênero, uma vez que a construção de uma identidade de mulher forte, leitora, com várias estratégias de sobrevivência, é marcada por um discurso machista; *considerações contínuas* — para finalizar o texto foram tecidas algumas considerações acerca do que foi registrado e analisado.

Espera-se que este artigo possa contribuir para pensarmos letramento como uma forma também de discutir gênero.

## O contexto familiar

A personagem central deste texto nasceu em 14 de outubro de 1933, em Ilhéus/BA, onde morou até 1989, quando se mudou comigo e a família que constitui para Salvador/BA, pois a “Princesinha do Sul”, como é carinhosamente chamada a nossa cidade por seus filhos, acolhe bem quem para lá se muda, mas não os nativos. É comum que os filhos da terra saiam em busca de melhorias e novas oportunidades em suas vidas — nosso caso.

Margarida é a quarta filha dos seis filhos do casal formado por Joana e Francisco, oriundos de Valença/BA, quando chegaram a Ilhéus, já estavam com dois filhos e os outros nasceram na nova terra. Ele ferroviário e ela dona de casa. A

família não era abastada, só não faltou o pão na mesa, mas passaram por muitas dificuldades.

Nas décadas de 30, 40, 50 escola era um luxo para poucos, a aprendizagem das primeiras letras ocorria na casa de alguma vizinha professora leiga, que montava uma salinha para atender as crianças da redondeza. Após a aprendizagem da leitura e da escrita, era hora de aprender um ofício. Não havendo escolas profissionalizantes nem cursos, eram nas oficinas mecânicas, nas marcenarias, nas sapatarias, nas alfaiatarias, nos escritórios de contabilidade, nas pequenas fábricas, dentre outros, que os filhos dos pobres eram aproveitados como ajudantes e assim aprendiam uma profissão e passavam a ganhar seu sustento. É isto que minha mãe conta sobre a família dela.

Pensemos nesta primeira formação familiar: mãe analfabeto e pai alfabetizado, inclusive este tinha uma pequena caderneta na qual anotava tudo sobre cada filha e filho que nascia. Todos os filhos aprenderam a ler e escrever e também um ofício.

Francisco sofreu um infarto fulminante deixando o filho mais novo muito pequeno e a filha mais velha entrando na adolescência. Joana, muito jovem, ficou com uma pensão irrisória para dar conta de alimentar e educar duas filhas e quatro filhos.

Assim, as filhas precisaram parar de estudar no término do que hoje conhecemos como fundamental I e aprender os serviços domésticos e afazeres destinados às mulheres: cuidar, cozinhar, bordar e costurar. Os homens foram aprender ofícios destinados aos homens: mecânica e o labor numa fábrica de chocolate, a qual o marido da tia, irmã da mãe, era gerente e, praticamente, todos os homens da família trabalharam neste lugar.

O registro destas memórias remete para quanto o patriarcado, orquestrado por uma jovem mãe viúva, foi nefasto e eficaz: nem ela própria, nem as duas filhas ousaram, explicitamente, quebrar barreiras. Ou seja, Joana nunca casou de novo, a filha mais nova casou aos dezesseis anos, com um homem de 30 anos, analfabeto, e a filha mais velha casou um pouco mais tarde, para cumprir a sina, pois foi um longo e infeliz casamento.

Sobre patriarcado, Luís Miguel (2019), diz que, de acordo com algumas percepções feministas, é apenas mais uma das manifestações históricas da dominação masculina. E, mesmo com as mudanças ocorridas, relacionadas a não mais total subordinação das mulheres aos homens, as quais transformaram as instituições patriarcais, acontece ainda a dominação masculina, substituindo assim o termo patriarcado.

Para a época, continuamos chamando de patriarcado, pois o homem da casa não foi substituído propriamente, mas os outros homens da família ficaram fazendo o papel de dar as ordens e não deixar que nenhuma das mulheres tivesse um papel diferente do de ser mãe e dona de casa.

Sexualidade e sexo, neste grupo familiar, eram assuntos proibidos... E aí, vejamos o que Foucault (2014) aborda, sobre a negação. Ele diz que quanto mais se fala sobre sexo, menos se sabe e a curiosidade aumenta na mesma medida que as proibições. Então, nesta família nada foi sendo esclarecido para as gerações vindouras (que construíram seus conhecimentos sobre o assunto na prática e nas trocas de informações), bem como a não aceitação de uma possível diversidade sexual entre seus membros.

A falta de diálogo e a crença numa natureza humana, fez com que muitos homens deste núcleo tivessem relacionamentos fora dos seus casamentos e isto era aceito pelas

mulheres, não tão pacificamente, ainda assim, infelizmente, acreditavam fazer parte da natureza do homem não se contentar com apenas uma mulher.

Todos os tabus e preconceitos foram cultivados e tentaram perpetuar duramente. Entretanto, a geração das filhas e filhos quebraram questões separando em relacionamentos fracassados, aceitando a homossexualidade de filhos e filhas, acolhendo novos relacionamentos, combatendo o machismo.

### **Nasce uma nova família**

Margarida casou e logo teve o primeiro filho, o segundo, o terceiro e o quarto (estes dois últimos natimortos). Após um longo e tenebroso inverno na vida do casal, provocado por uma grave e triste doença do marido, veio a quinta filha — eu. Muito aguardada, pois o sonho dela era ter uma filha mulher para lavar os pratos, varrer a casa e ampará-la na velhice... (sonho sonhado e realizado).

Este pensamento foi passado de mulher para mulher. Lourdes Bandeira (2019) nos diz que a violência de gênero começa no universo familiar, nas quais as relações de gênero se constituem nas modelares relações baseadas nas hierarquias. Então, quem oprime e quem é oprimido pode ser por conta de raça, idade, classe modificando a posição em relação ao núcleo familiar. Neste caso, a mulher que precisava dar conta das atividades domésticas para que os homens da casa chegassem e encontrassem tudo pronto, quis fazer com que a filha mulher seguisse esta mesma orientação.

Neste triste e longo período, a mesma precisou buscar meios para sobreviver e com pouco estudo, não conseguiria um emprego, a solução era empreender usando o que aprendeu, por ser mulher: cozinhar. E assim, ela começou a fazer pastéis para ter algum tipo de renda. Mas, quem saía para

vender eram os irmãos mais novos, pois lugar de mulher era dentro de casa e dos homens na rua.

Mas, lá atrás, antes do casamento, a mãe havia encaminhado a irmã mais velha para aprender corte e costura com uma vizinha, enquanto isso a nossa personagem ficava em casa, na lida com a mãe para dar conta da assistência aos irmãos homens. Afinal, homens não poderiam fazer o trabalho de mulheres, nem vice-versa. É interessante registrar que a mais velha tornou-se bordadeira e a outra costureira, todas duas com trabalhos reconhecidos pela excelência.

Mesmo querendo ser sempre muito obediente e seguidora das regras, despertou para o corte e costura que a irmã estava aprendendo, mas não estava gostando e, por isso, não tinha paciência de compartilhar as lições aprendidas.

Margarida pegou uma camisa de um dos irmãos, na época eram camisas de tecido de algodão ou similar, colarinho com entretela, mangas e botões. Lavou-a, desmanchou-a, passou o ferro, colocou em cima de um tecido mais barato e furtivamente usou a máquina que a irmã utilizava, que não era de motor, e costurou.

Podemos considerar que entre tesoura, linhas, agulhas e tecidos, ela ganhou poder e libertação, pois era um saber para poucos. Até acreditava-se em dom, o que chamamos então de letramento. Que neste caso, corrobora com o que dizem Áurea Pereira e Kátia Mota (2013) sobre um letramento que traga empoderamento para as ações e decisões cotidianas.

## **Letramento — afinal é escolar ou conhecimento de mundo?**

Então, como se configura esta façanha?



Magda Soares (2009) diz que ser alfabetizado não é ser necessariamente letrado, pois saber ler e escrever não significa uma total inserção social. Enquanto, o letrado, além de saber ler e escrever pratica socialmente estes atos e atende e responde às demandas que surgem. A partir daqui já podemos relacionar que Margarida é letrada, pois observou, ressignificou e se dispôs a fazer algo novo.

Ângela Kleiman (2005) trata o letramento como uma atividade colaborativa, entretanto aqui fica a dúvida: a irmã teve as lições e noções de corte e costura, ela não. O que fez foi observar, pois achou a atividade interessante e pensou que poderia ajudar a mãe com a vestimenta dos irmãos. Teve a iniciativa de tentar algo novo, deu certo.

Mas, a própria Kleiman fala em prática situada, quando o sujeito mobiliza saberes para realizar uma atividade a partir da situação que se encontra. E assim foi o caso. Surgiu um interesse, uma necessidade e a mesma vislumbrou a realização.

Não foi a escola formal, nem um curso profissionalizante que tornou Margarida costureira, o conhecimento foi sendo construído a cada desafio que lhe chegava. A feitura de uma blusa, de um vestido, de uma calça. Vestir-se, vestir a família. Costurar para outras pessoas para ganhar dinheiro.

Foi mencionado aqui que o marido de Margarida fora analfabeto, entretanto Pedro tinha uma ampla inteligência interpessoal. Sabia consertar carros, operar máquinas, mexer em telhado, na rede hidráulica, manusear diversos tipos de ferramentas. Dirigiu caminhão e diversos tipos de automóveis menores e, já aposentado, trabalhou em autoescola dando aula a mulheres, que o preferiam pelo modo paciente como transmitia os ensinamentos da direção. Exatamente o mesmo exemplo mencionado por Brian Street (2014), ao dizer que quando um mecânico analfabeto pode trocar suas

habilidades em concerto pela capacidade de outra pessoa preencher um formulário.

Ela frequentou pouco a escola, ele menos ainda, mas os dois desenvolveram letramentos para a sobrevivência. Street (2014) trata isto como o desenvolvimento do letramento no plano individual, tratando sobre como o raciocínio é incrementado, a facilidade com a lógica, abstrações, operações mentais, tudo isto leva o sujeito a facilitar seu *modus vivendi*.

Roxanne Rojo e Eduardo Moura (2019) lembram que, até um certo período do século passado, bastava que se assinasse o nome para ser considerado alfabetizado e viver nas grandes cidades. Desta forma, a maior parte da população brasileira, malmente assinava o nome e escrevia ou reconhecia algumas poucas palavras. Após a década de 50, o país sendo industrializado e com o surgimento de outras práticas de leitura e escrita, passou a ser insuficiente este parco conhecimento. Foi assim, que meus pais não conseguiram construir um patrimônio material apenas com seus saberes.

### **Entre tecidos e novas conquistas**

A costureira em questão seguiu em frente. Dominou o conhecimento dos tipos de tecidos. Lidava eximamente com a matemática: medidas, valores, economia de tecido. Por fim, comprou a sua própria máquina de motor. Chegou um tempo, que passou a fornecer o próprio tecido às suas freguesas. Mostrando assim sua veia empreendedora. Como nos informa o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas/SEBRAE (2020), uma das características das pessoas empreendedoras, é não esperar por outrem, antecipa-se e cria oportunidades com novos produtos e serviços, assim vai expandindo seus negócios.

Não tinha modelo que negasse a feitura, desta forma fez vestidos para formandas, debutantes, madrinhas de casamento e noivas. Não possuía ajudante, nem um ateliê estruturado. A mesa de corte era a mesa de jantar de casa. Uma casa de corredor no centro da cidade de Ilhéus/BA, em posição poente, a máquina ficava localizada no corredor, o qual pegava todo o sol vespertino. Mas, nada disso a fez esmorecer.

Sendo eu ainda criança, a mãe, minha avó, morava em casa, o marido trabalhador de turno, chegou um momento que ela precisou de uma pessoa para ajudar nos afazeres domésticos e chegou a ter, algumas poucas empregadas domésticas em tempos esporádicos.

Curiosamente, mesmo sendo de família não abastada e não branca, tanto ela quanto a mãe acreditavam que deviam dispensar um tratamento frio e distante a estas outras mulheres, que precisavam trabalhar em casa de família. Talvez uma influência dos parentes fazendeiros e ostentadores de carros de luxo e viagens. Um resquício do colonialismo e coronelismo. Sobre colonialismo María Lugones (2019) nos explica que é um fenômeno que acirra o sistema de poder de forma que controla o sexo, a autoridade coletiva, o trabalho, as subjetividades e até a produção do conhecimento.

Outros saberes como crochê e venda de confecção, compradas em São Paulo e revendidas na sua cidade, também foram incorporados para aumentar a renda familiar. A mesma tornou-se uma negociante dentro da sua própria casa. Tem certo orgulho em dizer que nunca trabalhou fora de casa. Mas, apesar de toda esta desenvoltura, continua achando que os serviços domésticos são da competência das mulheres. Sobre isso, encontramos em bell hooks (2018) respaldo ao trazer sobre muitas mulheres, mesmo estejam no mercado de trabalho, arrimos de família, o imaginário é dominado por uma noção de vida doméstica com dominação

masculina, sendo o homem presente em casa ou não, logo a mulher é responsável por toda a organização do lar.

Mas, e o saber escolar, fez falta? Talvez o papel registrando o estudo. Mas a mesma se desenvolveu muito bem na vida, inclusive na proficiência leitora, lia de tudo, passando por livrinhos de *bang-bang*. Se saía muito bem também na produção textual de cartas para os parentes distantes. Pois, era uma época que telefone era artigo de alto luxo e toda a comunicação era feita por este gênero textual. Ali ela dava conta de todas as notícias e pedia também.

Para Áurea Pereira (2016), os saberes e aprendizagens revelados nas cartas se constituem como um conhecimento produzido sobre si, nesse ato de desvelar para outro o que se conhece de si, que é o reconhecimento de si mesmo. Desse modo, a escrita das cartas se instituiu num dispositivo biográfico de empoderamento para as mulheres, pois permitiu que assumissem autorias e se revelassem numa forma de contar para o outro o que é estar e/ou fazer parte de uma pesquisa.

Assim como Dona Vitória, Áurea Pereira (2019), Margarida também compreendeu que seria importante para seus filhos terem a educação escolar, sendo este um lugar social para o contato com a leitura e a escrita de forma sistematizada, assim estes poderiam conquistar muito mais que ela e o marido. Não nos negou a educação escolar, entretanto, apenas eu cheguei ao nível superior.

Concordo com Ana Lúcia Souza (2011), quando diz que ler, escrever e interpretar textos ou usar a língua padrão pode dizer em qual nível sócio cultural está o sujeito. Entretanto, há situações fora da escola que atividades variadas são realizadas e ganham outro sentido e terminam por fazer o engajamento social do sujeito. Ela diz ainda que os letramentos são múltiplos, críticos e englobam usos variados para finalidades variadas.

A mulher em questão, podemos considerar uma resistente e que ressignificou sua existência, pois com seu trabalho e conhecimentos nunca deixou a família passar necessidade. Punha-se na condição de ajudar o marido, quando na verdade, era quem tinha as rédeas da casa. Era ela quem fazia a distribuição dos ganhos para pagamento das contas, pois ele lhe entregava o salário em mãos para tal fim. Desta forma, ela sempre honrou com os compromissos financeiros. E de onde veio este conhecimento? Mais um tipo de letramento: educação financeira, aprendida na prática.

A mesma sempre soube lidar com as mais diversas situações, inclusive solucionava os seus problemas e era chamada para ajudar na solução dos outros, principalmente a vizinhança, onde era tida como uma pessoa idônea e responsável.

### **Metodologia aplicada**

Este texto foi produzido para atender os requisitos de avaliação da disciplina Políticas de Letramento, ministrada pela Profa. Dra. Áurea da Silva Pereira, no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia/UNEB, Campus II, Alagoinhas/BA.

De acordo com as leituras propostas no decorrer da disciplina, percebi que dentro de casa havia a história de vida da minha própria mãe, hoje uma mulher idosa, já com alguns problemas de memória, o que dificultou um pouco o encadeamento de algumas narrativas orais.

Escolhi a história oral para a construção deste artigo porque, como nos diz M<sup>a</sup> Aparecida Ottoni *et al* (2011), valorizar a história oral é uma forma de valorizar o sujeito e contribuir para a sociedade. Este tipo trabalho com idosos posiciona-os e diante das mudanças. Possibilitam-nos o entendimento de outras histórias e suas relações com o pre-

sente. Bem como permite o resgate das emoções e a percepção que há uma escuta, possibilita a entrega.

Também posso considerar que usei uma metodologia qualitativa. Sobre a qual Áurea Pereira (2013) nos diz como esta nos permite observar, investigar e analisar o que ocorre intrinsecamente com a subjetividade humana: como o sujeito percebe, intui, o gestual, a modulação da fala, a linguagem utilizada e suas relações sociais.

O trabalho está organizado da seguinte forma: a) identifiquei que minha própria mãe poderia ser minha parceira na pesquisa; b) defini que abordaria sobre o letramento dela; c) organizei algumas leituras para o referencial teórico; d) decidi usar o celular para gravar um diálogo informal com a mesma. Não foi semi ou estruturada uma entrevista, apenas perguntei como foi mesmo que ela havia aprendido a costurar. Assim, a memória foi ativada e ela foi narrando sobre suas aprendizagens.

### **Quem foi a jovem, a adulta e é a idosa — análise**

Joana, a irmã, as filhas e sobrinhas tocaram suas vidas e a vida das filhas que tiveram cheias de tabus, preconceitos, proibições. Todas mulheres fortes, autoritárias, mas sempre se escondendo atrás de uma suposta submissão ao homem e crendo que as mulheres são para os serviços domésticos, podendo até desenvolver outras atividades, mas sem esquecer do lar, de cuidar, cozinhar, lavar, arrumar etc.

A mulher a qual foi mãe muito jovem, criou seus dois filhos homens para serem trabalhadores e honestos, mas não cuidadores, preocupou-se que eles estudassem, mas não foi a primeira escolha deles. Assim podemos analisar o pensamento de toda uma época que influenciou mulheres a serem machistas. Os filhos homens com total liberdade de escolhas e as mulheres tendo que cumprir com os acordos, alguns

intrínsecos, outros explícitos, ditados por homens e obedecidos por mulheres.

Mas, como diz bell hooks (2018) “feministas são formadas, não nascem feministas”. Esta autora aborda o momento que as mulheres começam a denominarem-se feministas e a discutir as questões relacionadas ao sexismo e as discriminações sofridas. As mulheres desta família reforçaram para suas filhas e netas a importância do casamento, da aprendizagem e aplicação das prendas domésticas, do comportamento recatado e da escolha de profissões consideradas femininas, como professoras.

Hoje, posso analisar que Pedro da Silva Carvalho foi o transgressor, diferente da sua esposa, pois enquanto ela queria a filha também dona de casa e cheia das prendas relacionadas ao lar, ele me ensinou a subir em telhado, a trocar lâmpada e a dirigir aos 11 anos. Mas, como ele não portava o papel atestando seus saberes, foi um homem pouco valorizado financeiramente e pela parte que se elitizou na família da mulher, sempre sendo solicitado para serviços pesados, mas foi um sujeito de grande valor humano, superior a todos que o menosprezaram.

Margarida tem hoje com 86 anos. O que mudou em seu pensamento? Consideremos que, sorrateiramente, ela rompeu com barreiras do seu tempo. Ficou três anos sozinha com duas crianças num bairro periférico. O marido tinha uma doença que não podia ser divulgada. O seu “sumiço” causou rebuliço e especulações na família e vizinhança, enquanto o mesmo estava internado numa colônia para leprosos em Salvador.

Ela precisou reconstruir a sua história e ser forte para sobreviver. Tudo isto poderia ter feito dela uma feminista aguerrida. Mas, não foi assim. Ainda hoje ela não aceita todas as nossas conquistas. Orgulha-se da minha trajetória de

mulher estudiosa, pesquisadora e trabalhadora da educação, mas não entende o fato de eu não ser uma boa dona de casa. Censura com veemência uma mulher que se separa do marido e refaz sua vida em outra companhia. Não vê com bons olhos o fato de mulheres mais maduras se divertirem e fazerem viagens.

Para analisar esta atitude desta mulher, hoje idosa, tomamos Agamben (2017), ao considerar que ter potência, não é ter liberdade. Uma mulher forte em todos os sentidos, potente em tudo que desenvolveu, mas manteve-se escrava do pensamento machista de sua época. O autor diz que mesmo sendo uma potência, se o sujeito não tem liberdade, ele se torna impotente. Logo, temos um aprisionamento de uma mulher num pensamento machista.

### **Considerações contínuas**

Ao optar pela escrita da história de vida de minha mãe, com a intenção de discutir sobre suas estratégias de sobrevivência associadas com o conceito de letramento, pois ela aprendeu a costurar praticamente sozinha e foi desenvolvendo suas potencialidades ao longo da vida: mulher leitora, trabalhadora informal, produtora de textos (cartas) — a escuta desta narrativa e o aguçamento das minhas memórias, possibilitaram-me também pensar nas reflexões que as leituras e discussões sobre gênero vêm me proporcionando.

Pensando sobre letramento, podemos considerar que para a pessoa ser considerada letrada, não precisa necessariamente ter passado pela escola. As histórias de Margarida e Pedro me fizeram pensar que a necessidade foi o maior agente para a aprendizagem deste casal e transformação de tantas situações.

Em relação a ela, refleti que, infelizmente, um tipo de letramento não construiu, o qual seria aprender o seu grande



valor como uma mulher capaz de dar conta de si e da família construída. Valorizar a sua história feminina e assim influenciar outras mulheres a também se reconhecerem capazes. Ela teve a oportunidade, ao longo dos seus 86 anos, vivenciar diferentes momentos políticos e econômicos do país e ter repertório para opinar sobre eles, mas parece mesmo não ter mudado as concepções sobre o lugar da mulher: em casa.

Faltou também entender a importância da sororidade. Sempre esteve rodeada de mulheres, mas não necessariamente as via como força, mas muitas vezes com rivalidade e indiferença. Havia uma rede de mulheres colaborando entre si, mas sempre foram os homens que tiveram papel de destaque e valor nesta família.

Este artigo buscou responder como podemos conceituar letramento a partir das estratégias que Margarida utilizou para sobreviver e “se virar” na vida. Como resposta, podemos dizer que as estratégias foram eficazes, pois mesmo tendo frequentado pouco a escola, tornou-se leitora proficiente de livros, revistas e TV, de forma que sabia e sabe opinar sobre diversos assuntos e desenvolveu um ponto de vista próprio. Uma mulher que resistiu às intempéries de doenças e apertos financeiros — como ela gosta de mencionar. O marido, com nenhum estudo escolar, possuía saberes que conseguiu ajudar a si e a outras pessoas.

Sobre questões de gênero, as quais viram à tona durante as análises, ficou perceptível a necessidade de se discutir valores, direitos e caminhos a percorrer para a chegada, de um número maior de mulheres à velhice com mais independência, felizes e confiantes de terem construído uma história digna se ser contada e compartilhada.

Além de tudo isso, as discussões sobre equidade de gênero não devem ser abandonadas em momento algum. As

crianças contemporâneas podem ser educadas sem a partilha do trabalho determinada pelo sexo biológico.

Com o resgate e registro desta história, a qual se imbrica com a minha, considero que falar sobre nós como seres pensantes, capazes de cortar e costurar as próprias histórias, produtoras de conhecimentos, insubmissas é relevante dentro da família e na escola.

Respondendo a Ângela Kleiman (2005): sim! É possível ensinar o letramento, além daqueles conhecimentos de mundo que temos e colocamos em prática. Ensiná-lo é um caminho possível para que nós mulheres entendamos as engrenagens do sistema que insiste em ser colonizador, branco, heteronormativo, patriarcal e machista e romper com os padrões impostos.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *A potência do pensamento: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista brasileiro formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 293-313.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e Política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2019.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

KLEIMAN, Ângela B. *Preciso "ensinar" o letramento?: Não basta ensinar a ler e a escrever?*. Brasília: Mec, 2005.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista hoje perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 53-83.

OTTONI, Maria Aparecida Resende; SOUSA, Gerson de; LIMA, Maria Cecília de; OLIVEIRA, Lorraine Cássia Silva de; MARTINS, Thaís Rodrigues. Narrativas de vida: a constituição identitária de idosos. *Rev Ed Popular*, Uberlândia, v. 10, p. 56-65, dez. 2011.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. *Letramentos mídias linguagens*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

PEREIRA, Áurea da Silva; MOTA, Kátia M. S. O contar de si e a representação do letramento: saberes experienciais de d. Vitória. *Cientíssimo: Revista Científica da Faculdade Santíssimo Sacramento*, Alagoinhas, v. 4, p. 9-29, dez. 2013.

PEREIRA, Áurea da Silva. As cartas como dispositivo biográfico: aprendizagens e empoderamento. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; DERMATINI, Zélia de Brito Fabri; GONÇALVES, Marlene (Org.). *Gênero, diversidade e resistência: escritas de si e experiências de empoderamento. escritas de si e experiências de empoderamento*. Curitiba: Crv, 2016. p. 103-120.

PEREIRA, Áurea da Silva. Memórias de letramento de idosos: a leitura e a escrita como bens simbólicos de inclusão e/ou exclusão social. *Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura*, [S.l.], v. 9, jul. 2013. ISSN 1980-8879. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1152/990>>. Acesso em: 6 out. 2019.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas/SEBRAE. *10 características do empreendedor de sucesso*. 2020. Disponível em: [http://ead2lms.sebrae.com.br/courses/educacaoempreendedorasebrae/cb17em/Objetos\\_Educacionais/htmls/infograficos/info001/caracteristicas\\_empreendedor.pdf](http://ead2lms.sebrae.com.br/courses/educacaoempreendedorasebrae/cb17em/Objetos_Educacionais/htmls/infograficos/info001/caracteristicas_empreendedor.pdf). Acesso em: 03 jun. 2020.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip hop*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

STREET, Brian V. *Letramentos Sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

[Recebido: 12 jun. 2020 — Aceito: 1 ago. 2020]